



“Em eficiência energética, todos os países da América do Sul estão bastante atrasados”

Presidente da Schneider Electric para América do Sul afirma que planos de eficiência energética no Brasil precisam entrar em pauta o quanto antes, visto que o país se comprometeu em inúmeras questões de sustentabilidade durante a COP 21, em Paris

Por Beatriz Santos, de São Paulo

Tania Cosentino é técnica eletrotécnica e engenheira elétrica, trabalha desde os 16 anos na área. Hoje, ela é presidente da Schneider Electric para América do Sul, multinacional global de gestão de energia e automação.

Em conversa com a *AméricaEconomia*, a executiva avalia a eficiência energética do Brasil e afirma que ainda há um longo caminho pela frente para que se chegue ao cenário ideal. Pouco foi feito até agora e o governo precisa elaborar medidas que acelerem o processo. Tania diz que a questão precisa entrar em pauta o quanto antes, visto que o país se comprometeu em inúmeras questões de sustentabilidade durante a COP 21, em Paris. E o cenário não é muito diferente na América do Sul.

Ela também ressalta as políticas de inclusão e diversidade da empresa, e reforça que esta é uma agenda prioritária, bem como levar mulheres para cargos de chefia e eliminar a diferença de salário entre gêneros. “Mulher tem que saber o que quer, saber se planejar e

se projetar em posições grandes, é isso que nos falta”. Leia a entrevista.

AméricaEconomia – Como avalia a eficiência energética no Brasil?

Tania Cosentino – Nós podemos falar de potencial e podemos falar de realidade.

AE – Como é o cenário nas duas situações?

TC – O Brasil evoluiu bastante em ações voltadas para eficiência energética a partir do início dos anos 2000, quando sofremos o apagão. Desde então, aumentou-se a consciência para o tema de energia. Naquele período, várias empresas atualizaram seu projeto de iluminação, passando para lâmpadas LED, começaram a usar motores mais eficientes e equipamentos que tivessem o selo de eficiência energética.

Hoje, quando avaliamos o potencial que o país tem de eficiência energética e o quanto ele é realmente aproveitado, vemos que existe um mundo de oportunidades pela frente. Eu fiquei

“Hoje, quando avaliamos o potencial que o país tem de eficiência energética, vemos que existe um

mundo de oportunidades pela frente”

bastante esperançosa quando começaram as discussões para a COP 21 em Paris, onde os países apresentaram suas *Intended Nationally Determined Contributions* (INDCs), ou seja, suas intenções em relação à diminuição nas emissões de carbono. Naquele momento, o Brasil assumiu o compromisso de chegar a 10% de eficiência energética.

AE – Quais as medidas que devem ser tomadas para que o país avance?

TC – Nós apresentamos para o Ministério do Meio Ambiente que o Brasil poderia buscar um plano mais ambicioso de chegar de 20% até 30% de eficiência energética. É bastante razoável, desde que tivéssemos um programa compreensivo que fosse lançado pelo próprio governo e que englobasse educação e conscientização, em primeiro lugar. É necessário trabalhar com todas as pessoas envolvidas, quer seja o público residencial, predial ou industrial, a começar pelo próprio governo, visto que o desperdício dentro dos prédios públicos é muito grande.

É preciso estabelecer uma meta de redução. O governo diz que vai reduzir 10% do consumo de energia no país, e hoje ele pode até acreditar que chegou nesta meta em função da desaceleração econômica, porque nós estamos consumindo menos energia. Entretanto, isso acontece por conta de uma desaceleração brutal da economia e uma ociosidade brutal da indústria. Isso não pode ser considerado eficiência energética, porque na hora que retomarmos o crescimento, a energia passa a ser um fator crítico.

O governo também deveria aproximar os agentes financiadores do tomador, pois todo projeto de eficiência energética requer um investimento, em maior ou menor grau, dependendo da situação da empresa ou da indústria.

São essas discussões que nós temos levado ao governo em conjunto com o Conselho Empresarial Brasileiro para o Desenvolvimento Sustentá-

vel (CEBDS), que reúne executivos em torno de uma agenda sustentável com o objetivo de reduzir de forma efetiva as emissões de carbono e o aquecimento global, e o tema que eu tenho defendido é a eficiência energética.

AE – O que já foi feito até agora?

TC – Praticamente nada, porque estamos muito preocupados em resolver uma agenda política. Então toda a agenda de desenvolvimento econômico é secundária, infelizmente, e esse tema de energia não está sendo tratado. Talvez não esteja sendo tratado pela desaceleração econômica, visto que existe uma falsa impressão de economia de energia, o que não é o caso.

AE – O Brasil tem potencial para ser eficiente energeticamente?

TC – Existe um estudo da Agência Internacional de Energia que fala de potencial de eficiência energética dos países. O último estudo mostra que a Alemanha é o país que melhor usa o seu potencial de eficiência energética, chega a 65%.

Quando analisamos o ranking, o Brasil está na 14ª posição, de um total de 15 países, e é o único país da América do Sul que está na lista. Isso significa que nós temos na nossa frente um potencial enorme para explorar.

Estudos globais dizem que os edifícios podem chegar até a 82% de eficiência energética. A primeira coisa a se fazer é trocar a iluminação, às vezes trocar as janelas para ter uma melhora na isolamento térmica ou na luminosidade. O grande vilão é a questão de aquecimento, ventilação e refrigeração. Se otimizar o ar condicionado, automatizar a iluminação, você garante conforto e eficiência.

No mundo, a indústria tem um potencial que pode chegar em até 50% de eficiência. Pode-se começar a atingir esse potencial trocando os motores, as lâmpadas, os cabos, refinando e otimizando o processo.

“O Brasil assumiu o compromisso de chegar a 10% de eficiência energética”

AE – Como é o cenário na América do Sul?

TC – Em eficiência energética, todos os países da América do Sul estão bastante atrasados. Nós não temos tantos planos concretos. A mesma coisa que está acontecendo no Brasil está acontecendo na Argentina, uma desaceleração econômica brutal levando as indústrias a uma ociosidade muito grande e, consequentemente, a uma redução de consumo. Só que a Argentina está sofrendo cortes de energia constantes, em uma economia que já não vai bem. A grande necessidade hoje do país é ter uma estabilidade, um melhor serviço e disponibilidade de energia, e a eficiência energética pode ajudá-los, porque ao consumir menos, gera-se um alívio imediato para que se dê tempo de fazer os investimentos necessários.

AE – O Chile está mais avançado?

TC – Todos os países da América do Sul, inclusive o Brasil, tem plano de inserção de renováveis. O Chile está mais avançado, começou a discussão antes com seus leilões específicos de eólico. Nós tivemos um grande avanço da fonte eólica no Brasil, também tivemos o leilão de solar. No ano passado não tivemos nenhum leilão de renovável no Brasil, mas tivemos o grande leilão das transmissoras, e eu acho que este foi um grande investimento no país, mas o Brasil precisa retomar, porque esta é uma questão que está dentro do plano apresentado nas contribuições comprometidas na COP 21.

AE – O que é o imposto verde? Está funcionando no Chile?

TC – O Chile lançou este ano um projeto que se chama Imposto Verde, que nada mais é do que precificar as emissões. No caso de uma empresa emitir um valor acima do permitido de CO2 equivalente, ela vai sofrer uma tributação adicional. Isso é de certa forma precificar o seu impacto e vai fazer, de forma indireta, com que as empresas busquem pro-



jetos de eficiência de operação e de eficiência energética. Não chega a ser um programa de eficiência energética, mas faz com que as companhias atuem neste sentido.

AE – E qual é a agenda do Brasil com as energias renováveis? A Schneider tem algum plano neste sentido?

TC – O Brasil já é um país que tem uma matriz energética bastante verde, é praticamente bancado pelas usinas hidrelétricas. O país tem um compromisso com a inserção de energia eólica, solar e de biodiesel, e este último é um grande diferencial do nosso país. A Schneider não fabrica aerogeradores e placas solares, mas sim os equipamentos que vão conectar esses elementos geradores e a solução inteligente para navegar no *grid*.

AE – Como a tecnologia pode ser utilizada para colocar em prática os planos de eficiência energética nas empresas e nas residências?

No mundo, a indústria tem um potencial que pode chegar em até 50% de eficiência energética

TC – Uma coisa que nós temos discutido muito é como a tecnologia pode ajudar, quer seja no edifício, na infraestrutura ou na indústria. Com a internet das coisas e com o cloud tudo fica mais acessível. Vou te dar um exemplo, um grande hospital ou uma grande indústria pode ter sensores e dispositivos conectados em toda a instalação para ler em tempo real tudo o que está acontecendo. Pode ser um sensor de temperatura, um medidor de consumo de energia, um pressóstato, um medidor de consumo de água, enfim. A partir daí é possível ter uma leitura de tudo o que acontece na planta em tempo real. Então, eu levo essa informação para uma camada de controle onde eu posso operar e controlar o empreendimento de forma remota e ainda gerar informações através de softwares e aplicativos

analíticos. Com essas informações relevantes eu posso tomar decisões de negócios.

Isso é o que hoje a Schneider chama de EcoStruxure™, que é uma plataforma aberta onde são conectados todos os dispositivos de controle e que leva essas informações para uma camada de controle e supervisão em softwares analíticos. Posso fazer todo o gerenciamento de ativos maximizando a tecnologia, inserindo realidade aumentada, inteligência artificial e tudo o que tem hoje de novo na tecnologia.

AE – Vocês têm algum plano de investimentos agora para o país?

TC – Nós temos investido em novas ofertas. Eu não posso falar em números, porque a gente não revela. A Schneider de forma global investe 5% do seu faturamento em pesquisa e desenvolvimento todos os anos. Temos investido de forma brutal em produtos que consideramos *green premium*, ou seja, produtos verdes ou aqueles que, desde o conceito, consomem o mínimo de matéria-prima possível, que vão ser reciclável e que vão gerar um impacto positivo com a sua aplicação. Esses produtos também têm que ser conectáveis, para que se possa operar de forma remota. Esta é a forma como a gente está direcionando os nossos investimentos.

AE – Como você avalia a entrada da China na geração e distribuição de energia no Brasil?

TC – O Brasil hoje está atraindo investidores. Quando existe uma desvalorização da moeda, como nós estamos tendo nos últimos anos, o país fica mais barato sob a perspectiva do investidor global. É um país que passa por uma crise muito forte, mas é um país de grande potencial e é aberto a novos investimentos.

Quem tiver dinheiro, apetite de risco e visão de longo prazo pode investir no nosso país. Não tenho nada contra investimentos estrangeiros, desde que eles desenvolvam a indústria local. Se a China vier para cá, vai gerar empregos no Brasil, e eu só tenho a agradecer.



SHUTTERSTOCK

Espero que o Brasil seja um país que inspire confiança dos investidores estrangeiros, porque o que está fazendo falta atualmente para o nosso país são investimentos.

Não tenho nenhum preconceito contra chinês, contra americano, contra a capital estrangeiro de uma forma geral, desde que seja um investimento de longo prazo e não oportunista, para desenvolver a indústria e a infraestrutura brasileira.

AE – Recentemente vocês assinaram a carta compromisso de participação no Projeto de Empresas, Organizações e Sindicatos Comprometidos com os Direitos Humanos da população LGBTQ. Vocês têm alguma política de diversidade dentro da empresa? Seguem alguma recomendação internacional?

TC – Sim, a Schneider é uma empresa onde diversidade e inclusão fazem parte do DNA, estão dentro dos valores da companhia. Queremos ter um ambiente aberto, onde a gente respeita o outro.

A Schneider é uma empresa de quase 200 anos e nós estamos presentes em mais de 100 países no mundo, já temos esse lado de possuir múltiplas nacionalidades, é muito natural para nós. Essa abertura traz uma riqueza muito grande para o nosso negócio. Agora, estamos buscando a diversidade de um modo mais amplo, estamos estendendo um pouco para outras minorias. Fizemos uma parceria aqui no Brasil, no Chile e na Argentina há duas semanas e formamos um acordo para o respeito ao direito LGBT.

O que eu quero quando firmo um acordo como esse nada mais é do que respeitar todas as pessoas que trabalham dentro da minha empresa ou na minha cadeia. Eu tenho que oferecer as mesmas condições e as mesmas oportunidades. Isso parece básico, mas não é realidade em todas as empresas do mundo. Nós até tentamos ser uma voz do tema, eu tento ser uma voz e outros executivos tentam ser as vozes. Vamos trabalhar pouco a pouco, inserindo todas as minorias para que todos

tenham igual espaço e para que a empresa represente internamente a demografia igual à da região a qual ela está inserida.

Um dos grandes temas que vamos trabalhar esse ano e dar um pouco mais de foco é o tema racial. Quando analisamos o Brasil, mais de 53% da população é negra e não percebemos isso refletido dentro das heranças das companhias brasileiras, inclusive da Schneider.

Sim, diversidade e inclusão é um tema prioritário para nossa companhia. A gente acredita que isso é um tema de sustentabilidade para o negócio. Diversidade e inclusão trazem engajamento, inovação, atração de novos talentos e novas perspectivas. Evoluímos bastante e temos um plano muito sólido para diversidade de gênero.

AE – Vocês também têm uma agenda forte na questão da igualdade de gênero.

TC – A Schneider é uma empresa de tecnologia e, predominantemente, tem mais engenheiros homens do que mulheres. Em faculdades de engenharia, dependendo do país, o número de mulheres varia de 10% a 30%, apenas. Nós já há alguns anos assumimos um compromisso formal de trabalhar a diversidade de gênero. Esse foi um trabalho que começou de uma maneira mais forte e mais estruturada desde 2008. Começou por Jean-Pascal Tricoire, CEO global, que tem a agenda de gênero como uma prioridade dele.

Eu posso te dizer que o tema da mulher está avançando bem e a gente tem uma série de ações em prática. É um plano coordenado onde temos a meta de incluir mulheres na liderança da companhia e o objetivo de eliminar a diferença salarial entre homens e mulheres.

Na minha crença, se você tem foco, disciplina e capacidade de execução, você é capaz de ir longe. Nós, como mulheres, temos que saber o que queremos, saber se planejar, se projetar em posições grandes e ver qual caminho que temos para chegar lá, é isso que nos falta. 

“Não tenho nada contra investimentos estrangeiros, desde que eles desenvolvam a indústria local. Se a

China
vier para cá, vai gerar empregos no Brasil, e eu só tenho a agradecer”